

# **Integração e compartimentação do espaço a partir da política das empresas: o caso das empresas de telefonia móvel no eixo vale do paraíba paulista - cidade de São Paulo - cidade de Campinas**

**Carolina Polezi**

✉ carolinapolezi@gmail.com

IG/UNICAMP

**Palavras-chave:** Uso do território, política das empresas, compartimentação territorial

Neste texto pretendemos compreender os nexos entre comunicação e circulação no eixo Vale do Paraíba/Cidade de São Paulo/Cidade de Campinas, tomando como recorte analítico as empresas de telefonia celular, visto que as velocidades de troca de informações chegam a ser praticamente instantâneas, fazendo com que esse setor cresça muito nos últimos anos. Empiricamente verifica-se forte coincidência entre concentração industrial e transmissão das informações no eixo supracitado, que seria um espaço fluido porque mais suscetível à aceleração dos fluxos informacionais. A comunicação ocupa hoje um lugar central nas políticas dos atores hegemônicos, uma vez que é através dela que circulam as novas informações, tão importantes para as grandes corporações manterem sua posição hegemônica. Eis a informação como poder.

Orientando-se por critérios das redes técnicas planetárias, as grandes empresas de atuação global alteram profundamente modelos econômicos e culturais. Para delimitar essa nova fase de integração mundial, surge o termo globalização. Este termo pretende descrever o processo de integração espacial dos campos econômicos, culturais e sociais na escala global. Além de possuírem uma estrutura de poder baseada em pirâmides hierárquicas, as

empresas de atuação global são estruturas orgânicas onde cada parte é programada para servir ao todo. Qualquer falha na “interoperabilidade” entre as partes ou na livre troca dos fluxos informacionais pode bloquear o sistema. A comunicação, portanto, deve ser constante (MATTELART, 1996), bem como deve anteceder e acompanhar a circulação de mercadorias. Para Raffestin (1993), circulação (de bens materiais) e comunicação (de informações) são as duas faces da mobilidade.

Todavia, a circulação das informações, ou como quer Raffestin (1993), a comunicação, não é isenta dos constrangimentos espaciais. As rugosidades (SANTOS, 1994), ou seja, o espaço herdado sem dúvida condiciona os novos usos do território, por isso antigas áreas industrializadas condicionaram as atuais densidades informacionais. A gênese das telecomunicações no país inicia-se nos anos 1960 com o planejamento e o investimento do Estado no setor.

Nas décadas de 1980 e 1990 a ordem global se modifica nos âmbitos tecnológico, normativo, econômico e institucional e uma onda de privatizações atinge a América Latina. No Brasil a telefonia é um dos primeiros setores a ser privatizado, portanto os investimentos passam a vir das grandes empresas, em boa parte das multinacionais.

Nos últimos anos o sistema de telecomunicações sofreu uma grande modernização. A implantação das fibras ópticas requalificou as transmissões, que puderam se espalhar por uma maior parcela do território, e a rapidez do transporte das informações possibilitou a introdução de telefones celulares que aceleraram os fluxos de voz, uma vez que a dinâmica frenética se instalou no cotidiano, “encurtando” o tempo.

Num país de dimensões continentais e ainda rarefeito em cabos telefônicos tradicionais, a telefonia móvel é bastante eficaz, o que levou, dentre outras razões, ao aumento de terminais para este serviço. Em 1996, 17.888.211 era o número total de unidades de telefone celular, 3,6 vezes maior que em 1980. Para tanto, houve um acréscimo de 18.564 localidades atendidas pelo serviço, transformando-se em 22.249 localidades em 1996 (GOMES, 2001). De acordo com a empresa de consultoria Itelogy Partners, no final do ano de 2004 o Brasil já possuía 60 milhões de usuários. Sendo que o grau de penetração no país atingia naquela data 30% da população, enquanto que em alguns países asiáticos o grau de penetra-

ção passava de 100%, ou seja, muitas pessoas possuem mais de um aparelho. Dados da Anatel (Agência nacional de telecomunicações. Acesso em 21/04/2008) indicam que o Brasil, até março de 2008, possui 125 milhões de assinantes de Serviço Móvel Pessoal. Desse total, 101.748.647 (80,87%) são pré-pagos e 24.062.416 (19,13%), pós-pagos, proporção que se mantém praticamente inalterada desde 2004.

Ainda que a expansão da telefonia móvel seja patente em sua cobertura por município, dados disponíveis indicam que as áreas de cobertura da telefonia móvel no Brasil seguem os principais eixos de circulação das mercadorias, os eixos rodoviários (Atlas Brasileiro das Telecomunicações de 2010). Este é o caso de São Paulo no eixo que verticalizamos em nossa pesquisa de iniciação científica (Fapesp). Existem 6 empresas que fornecem esse serviço para o estado de São Paulo (site Anatel), porém, elas não têm “em área”, cobertura em todo estado, apesar de estarem presentes na maioria dos municípios paulistas. Por isso, nossa pesquisa foi focada na hipótese de que o espaço herdado, aquele da maior concentração industrial do estado de São Paulo (LENCIONI, 2003; FERNANDES e CASAGRANDE, 2003), condiciona os usos atuais do território por parte das empresas e também condiciona suas políticas territoriais, já que há nexos empíricos entre a concentração industrial e a informacional.

O eixo que investigamos é uma mancha do meio técnico-científico e informacional (SANTOS, 1994), pois toda a produção industrial é orientada segundo princípios científicos exigindo não só autopistas cada vez mais velozes, como também sistemas de transmissão de informação em tempo real. Neste eixo, as densidades viária e infoviária se fundem produzindo uma enorme fluidez do território, possibilitando o envio e o recebimento de ordens dos centros racionalizadores das grandes empresas. Assim, as duas faces da mobilidade (circulação e comunicação) orientam um compromisso analítico de nossa pesquisa.

### **Referências bibliográficas**

ATLAS BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES/2010. **Publicação da Revista Teletime**. São Paulo: Editora Glasberg, 2010.

CASAGRANDE, E. E.; FERNANDES, A. C. Eficiência e equidade: inclusões recentes em torno de um velho debate a a partir das regiões de São Paulo. In: BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C.;

GONÇALVES, M. F. **Regiões e cidades, cidades nas regiões**. São Paulo: Editora Unesp: Anpur, 2003.

GOMES, C. Telecomunicações, informática e informação e a remodelação do território brasileiro. In: SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2 ed. 2001. pp. 345 – 356.

LENCIONE, S. Cisão Territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C.; GONÇALVES, M. F. **Regiões e cidades, cidades nas regiões**. São Paulo: Editora Unesp: Anpur, 2003.

MATTELART, A. **A globalização da comunicação**. Bauru: Edusc, 1996.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico – científico – informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.